

SOBRE O REFORMISMO E O OPORTUNISMO !

texto de apoio à LISTA B

"AO SERVIÇO DO POVO
VENCEREMOS"

-INTRODUÇÃO-

Surge este texto da necessidade de esclarecer os estudantes de Coimbra, das manobras demagógicas e oportunistas e de certas tomadas de posição que ultimamente se têm verificado no nosso seio.

Tal esclarecimento tem ainda mais validade, quando após o 25 de Abril e dentro dum contexto de Reestruturação Geral do Ensino, tais manobras e tomadas de posição se têm tornado mais notórias e evidentes.

Só a partir de uma análise correcta e consciente do movimento estudantil, só a partir de uma análise correcta das lutas estudantis desenroladas nos últimos anos em Coimbra, tais posições poderão ser mais eficazmente desmascaradas e rebatidas.

Esclarecer o carácter de que se revestem as referidas tomadas de posição é o principal objectivo deste texto.

I- ANÁLISE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

As lutas estudantis não nascem das deficiências do ensino, nem de um complexo de objectivos mais ou menos gerais chamados "interesses dos estudantes".

Uma análise correcta do movimento estudantil terá que se basear na análise duma sociedade de classes, na luta de classes nessa mesma sociedade.

O capitalismo português é uma sociedade de classes atravessada por profundas contradições antagónicas, constituída por uma grande maioria que constitui a classe explorada e por uma minoria de exploradores: a burguesia dominante.

Estas contradições da sociedade de classes portuguesa, provocam as lutas populares que se vão reflectir de modo extremamente sensível na Universidade.

A Universidade onde se formam quadros técnicos e ideológicos que asseguram a perpetuação da exploração capitalista, tem papel primordial na actuação dominante da burguesia. A burguesia necessita portanto que a Universidade através do ensino de classe continue a desempenhar esse papel essencial.

As lutas estudantis, nascem da clara compreensão por parte dos estudantes, dos seus problemas imediatos e respectiva resolução dentro dum contexto de luta contra o ensino de classe, contra a função social da Universidade.

II- CONTRA O OPORTUNISMO

Na nossa luta o inimigo não apresenta sempre a mesma face. Por vezes disfarça-se de "posições progressistas" para no fundo nos arrastar no sentido da derrota e melhor nos reprimir.

Na nossa luta temos de combater estes falsos amigos e todos aqueles que dizendo defender as nossas reivindicações acabam por nos precipitar nas ratoeiras que a burguesia nos arma.

1- O reformismo

a) Sua natureza e linha de acção:

Colocando as lutas estudantis a reboque dos interesses de classe de certos sectores da pequena e média burguesia, a linha reformista pretende que o movimento estudantil se restrinja à defesa dos "interesses dos estudantes", definindo-se esses interesses dentro dos limites da sua célebre "Reforma Geral e Democrática do Ensino".

Esta reforma não tem por fim alterar radicalmente o ensino burguês, o seu carácter de classe anti-popular e anti-democrático, pretende sómente limá-lo, reformar e lutar contra os excessos da opressão e repressão burguesa nas escolas, torná-lo mais democrático, mas mantendo o seu carácter burguês, torná-lo mais aberto, mas conservando na essência a sua função social dentro dum contexto de necessário veículo para a perpetuação da exploração capitalista.

Tomando falsas posições progressistas, afirmando que lutam pela abertura da Universidade às classes trabalhadoras, não pretendem senão, através do seu "demagogismo" de palavra e acção, continuar a defender o carácter de classe do ensino, continuar a defender a dominação da ideologia burguesa na Universidade, defender a continuação da colocação do ensino ao serviço duma minoria exploradora.

b) Finalidades do reformismo

Com base nos seus objectivos anti-populares, que visam reformar o irreformável sistema de ensino burguês, os reformistas são diametralmente opostos às posições progressistas de defender os interesses do Povo trabalhador português no campo do ensino.

Boicotando a discussão política dos problemas, que permita analisar as causas destes até à raiz, que ponha em causa a função social do ensino e o facto de estar ao serviço duma minoria exploradora, preferem o caminho dos abaixos-assinados, do diálogo com as autoridades, da liquidação do movimento provocada pelo facto de não organizarem os estudantes com métodos e objectivos de luta progressistas.

Tentando travar as lutas de massas e a politização do movimento, pretendem colocar o movimento estudantil a reboque dos interesses da classe de quem se encontram ao serviço: a burguesia.

c) Prática reformista em Coimbra

O movimento estudantil em Coimbra têm sido um campo de ensaio rico de experiências quanto à aplicação às lutas estudantis das estratégias reformistas.

Após o encerramento da AAC, desculpando-se com o ascenso e incremento da repressão em Coimbra, alheiam-se completamente de todo o processo de luta estudantil, deixando os estudantes desorganizados face ao regime opressivo e repressivo então existente.

Últimamente, descurando todo o trabalho de curso, todos os processos de luta estudantis, iniciam um processo pela reabertura da AAC com a formação da CPRAAC, processo esse totalmente desligado das massas estudantis.

O esquema habitual de abaixos-assinados, encontros com as autoridades, retoma o seu dia a dia.

O trabalho de curso, a organização dos estudantes, a consciencialização política para a luta a participação e dinamização das lutas estudantis são completamente descurados.

Enquanto os estudantes se organizam face ao incremento da repressão, iniciam e desenvolvem processos de luta, os reformistas da CPRAAC continuam a desenvolver todo o seu trabalho de "gabinete" com vista à reabertura da AAC.

Os processos de luta do Quilma 72 dos Coros Fascistas da visita do Rodó a Coimbra, são factos elucidativos do desligamento dos reformistas em relação às massas estudantis.

Após o 25 de Abril, face às liberdades democráticas de reunião, associação, e expressão de pensamento, aparecem os reformistas na sua máxima força, evocando os direitos de todos nós e as

nossas reivindicações, das quais sempre se mantiveram desligados.

Apoiando abertamente todo o programa da Junta, isto é, apoiando um regime de "democracia burguesa", da qual se estão vendo já os resultados anacrónicos como seja a aceitação dos pedidos de exílio para os assassinos do povo "Marcelo e Tomaz", mais uma vez tentaram desviar a atenção dos estudantes para uma análise crítica da situação e sua consciencialização política.

Recordem-se as suas "tristes" actuações em diversas Assembleias Magnas, quer pelo corte da palavra a colegas nossos, quer pelas provocações directas de que muitos de nós fomos vítimas quando tentávamos desmascarar toda a sua actuação reformista, quer ainda por votações viciadas e manobras oportunistas nas mesas das referidas Assembleias.

Nas Reuniões de Curso e nas Ass. de Faculdade pudemos assistir também a todas as suas manobras demagógicas lançando a confusão no seio das massas contribuindo com isso para que decisões já tomadas fossem revogadas no sentido de favorecer unicamente um ensino continuamente competitivo e discriminatório e onde até agora nada se fez para a sua reestruturação. É um facto de que não é com cortes de matéria aqui e além, propostos pelos "senhores doutores" que sempre nos oprimiram, que se vai destruir todo um carácter de classe do ensino, que se vão colocar as lutas estudantis paralelamente às lutas mais gerais do Povo Trabalhador Português.

Por outro lado as decisões tomadas com vista ao saneamento da Universidade, ficaram apenas no papel, deixando à livre iniciativa dos estudantes a levada à prática de tais decisões. Como poderemos conceber uma reestruturação do ensino sem eliminarmos completamente os mais importantes veículos difusores de uma ideologia por todos nós repudiada?

2- OUTRAS FORMAS DE OPORTUNISMO

Contudo, o reformismo não é a única forma de oportunismo existente no nosso seio.

Encontramos outras tendencias, que tomando formas pretensamente progressistas, encerram em si vícios que conduzem ao entrave das lutas estudantis, provocando a desmobilização e a consequente desorganização dos estudantes. Preferindo as discussões estérteis, que se transformam em verdadeiros combates de galos, desleixam o trabalho de curso, desprezam as reivindicações estudantis e os seus objectivos imediatos, não compreendendo que a luta estudantil é uma luta de resistência, que arranca vitórias imediatas ao sistema de ensino opressivo, que produz alterações na relação de forças entre os estudantes e as autoridades na escola.

Tomando posições passivas, dedicando-se a críticas verbais de aparência progressista desligadas de uma actividade prática consequente, dogmáticas e teoricistas, isolam-se das massas estudantis e boicotam todos os processos de luta estudantis.

Por vezes e devido ao total afastamento das massas estudantis, adoptam posições extremamente avançadas em relação ao nível de consciência e à disposição para a luta da maioria dos estudantes, do que resulta o isolamento de tais tomadas de posição em relação à maioria dos estudantes.

O oportunismo apresenta então nova face: o aventureirismo.

O aventureirismo não permite a realização da discussão política no seio dos estudantes, feita de acordo com o nível de consciência destes. Conduz à confusão e a tomadas de posição radicais. É uma nova forma de liquidacionismo de aparência ultra-radicalizada.

Destas formas oportunistas tivemos já exemplos quer nas Faculdades, quer fora delas, sendo as mais recentes em certas tomadas de posição nas últimas Ass. Magnas.

O oportunismo pode ainda apresentar outras variantes. Estas são no momento as mais importantes de realçar.

O perigo que representam é a aparência "progressista" de que se revestem para melhor iludir os estudantes, mas na sua essência é anti-progressista e deve ser por nós desmascarado e combatido.